

MEMÓRIAS DE UMA UTOPIA : MOVIMENTO ESTUDANTIL GOIANO NA DÉCADA DE 60.

Keides Batista Vicente – PPG-UFU

A década de 1960 em Goiás inicia com um processo de transição acentuada de um modelo econômico com bases agrárias para uma perspectiva com molde capitalista urbano, influenciado principalmente pela construção de Brasília e o processo de intensificação da industrialização no final da década de 1950, desencadeando em um ritmo acelerado da concentração urbana e conseqüentemente êxodo rural dado pelo “... *processo de monopolização da propriedade fundiária..*”¹. Fatores evidenciados pela taxa média referente ao crescimento populacional nas décadas de 1950 e 1960, sendo registrado segundo DIAS e DIAS (1990), em média “4,9%” na taxa de crescimento do Estado².

Diante do processo econômico que o país e conseqüentemente o Estado começam a enfrentar, juntamente com o novo processo político dado no pós –JK - inicialmente com as eleições para presidente, senadores, e deputados, seguidas pelo fim do governo Jânio Quadros, e pelo processo de não aceitação do governo João Goulart, agravadas com as propostas populares do então governo - desencadeiam uma reação de mobilização em diversos segmentos sociais no país. Podendo ser percebido movimentos no campo como as ligas Camponesas, a sindicalização rural e com isso o embate em torno da Reforma Agrária; e nas cidades, principalmente com a classe média “... *Estudantes e intelectuais assumiam posições favoráveis às reformas estruturais, desenvolvendo uma intensa atividade de militância político e*

¹ DIAS, Renato & DIAS, Ricardo. Desafiando a utopia. Goiânia-GO: Ed. UCG, 1990, p. 57.

² Segundo dados do IBGE, citados por DIAS E DIAS (1990), em 1960 a população do Estado de Goiás era de 1.954.860, e em 1970 o número registrado era de 2.989.414 habitantes, ocorrendo segundo os autores um elevado número da população urbana, que em 1950 registrava 20,20% da população, em 1960 era de 30,7% chegando a 44% em 1970.

cultural...”³. O caso da UNE, com o movimento estudantil e os CPCs (Centro Popular de Cultura), com a proposta de construção “...*de uma cultura nacional, popular e democrática ...*”[*desenvolvendo*] *uma atividade conscientizadora junto às classes populares...*”⁴, surgindo nesta linha de pensamento o Cinema Novo, o Teatro de Arena e o Teatro Oficina.

Além da organização de movimentos culturais com uma perspectiva *didático – conscientizador* como o movimento Popular de Cultura (MDC) em Pernambuco, com a utilização do método de alfabetização Paulo Freire. Concomitantemente estava o campo político-partidário, com perspectivas reconhecidas como *forças nacionalistas*, influenciadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). Aspectos estes que desencadearam nas considerações de Roberto Schwaiz, citado por HOLLANDA & GONÇALVES “... *Houve um Tempo, (...), em que o país estava irreconhecivelmente inteligente...*”⁵, *contestatório* e principalmente organizado. Estando os estudantes, no final da década de 1950 e início da década de 1960, considerados como 4º (Quarto)⁶ poder do país.

Essa mobilização estudantil partia de questões políticas, educacionais, econômicas e sociais. Relações percebidas nos diferentes momentos de atuação desses ex-militantes; claro que os atos e as justificativas para a mobilização partiam do contexto histórico, enfatizado pelo aspecto político que levava ao desencadeamento de atos reivindicatórios. Desta forma, classificamos a década de 1960 em períodos: os relatos e o contexto histórico nos leva a antecipar ao final da década de 1950, o primeiro período, com o processo de idealização e construção de duas Universidades na cidade de Goiânia, estendendo até o golpe militar em 1964; sendo o pós – 64, com as manifestações e reivindicações, o segundo período, que se estende até o final do ano de 68, com a publicação do Ato Institucional n.º: 05; e por último o desfacelamento do movimento estudantil goiano, aqui classificado pós – 68 ou pós – AI - 05.

³ HOLLANDA, Heloísa Buarque & GONÇALVES, Marcos A . *Cultura e Participação nos anos 60*. São Paulo-SP: Ed. Brasiliense, 1982.

⁴ Idem. P. 09

⁵ Idem p. 08

⁶ Termo este enfatizado por DUARTE (1994) diante das manifestações realizadas no período 50/60, do poder agregado aos estudantes e da existência de um jornal em Goiânia chamando “*O Quarto Poder*”.

Consideramos diante do contexto histórico das vivências e da militância, um quarto período, o momento de reconstrução deste passado, a década de 1990, período de reavaliação da militância estudantil, do processo político e social que o país e consequentemente os ex-militantes enfrentam no presente de rememoração.

As discussões foram possibilitadas graças as fontes usadas, Cadernos de Entrevistas⁷ em três volumes, resultantes de um Projeto de Pesquisa “O Movimento Estudantil Goiano. Trinta anos de História – 1960-1990”, desenvolvido por bolsistas do Centro de Pesquisa Histórico da Universidade Católica de Goiás, e os depoimentos usados e transcritos no livro “Desafiando a Utopia”, de Renato Dias e Ricardo Dias, publicado em 1990, pela editora da Universidade Católica de Goiás. Essas fontes, que inicialmente foram questionadas e enfatizadas no primeiro trabalho, nos mostra uma diversidade de enfoques, oferecendo condições para realizar o atual trabalho. Na pesquisa anterior, os cadernos de entrevistas, foram usados a partir de uma perspectiva voltada a narrativa, com a reconstrução do Movimento Estudantil Goiano, que perpassa pela proposta inicial das entrevistas, pois visavam a reconstrução do movimento em Goiás nos últimos trinta anos – 60-90 -, estando as perguntas direcionadas a este objetivo, sendo visualizado o direcionamento através de um esquema de doze perguntas. Já os depoimentos contidos no Livro de DIAS e DIAS (1990), foram usados pelos autores como fontes na construção do livro, e posteriormente anexados, juntamente a fotos recentes destes ex-militantes, numa perspectiva direcionada de perguntas, voltadas principalmente para o ano de 1968.

Diante da diversidade contida nas fontes, e as propostas não enfatizadas no primeiro trabalho, pelo pouco tempo e a imaturidade, a presente pesquisa procura dar continuidade aos questionamentos junto as fontes. No entanto algumas questões continuam presentes, como a dificuldade metodológica junto as referidas fontes, são entrevistas realizadas por pessoas que não possuíam o mesmo interesse nosso, estando transcritas e

⁷ Cadernos de Entrevistas que serão citados no corpo do texto como CE, diferenciados pelo Volume.

consequentemente reproduzidas de acordo com o entendimento, condição “... *que inevitavelmente implica mudanças e interpretação...*”⁸. Principalmente por não estar transcrito sinais de pontuação que nos direciona a possíveis momentos de ironia, crítica, emoções, pausas, enfim sentimentos que possibilitariam uma interpretação mais detalhada, moldadas no processo de rememoração. Como se a narrativa dos fatos ocorresse de forma fria, sem emoções e envolvimento, e que este período de militância não ressoasse o aspecto da vivência associado ao intencional, isto é, o desejo de lembrar e principalmente o de contar. Desta forma as fontes serão analisadas de acordo com a transcrição, estando a interpretação mediada pelo período de atuação e o de rememoração, mediados pelo contexto histórico nacional e estadual nos dois tempos.

Dessa forma, a noção de tempo mostra-se primordial neste momento, esses sujeitos estão em um presente, e são direcionados a este passado a partir da posição que se encontra na atualidade, podendo ser percebido nos três volumes dos Cadernos de entrevistas, no entanto com mais detalhes no Caderno de Volume III, onde está transcrito uma palestra com Aldo Arantes e Athos Magno, que procura reconstruir a história do movimento estudantil goiano, diante das manifestações estudantis contrárias ao Governo Collor. O que nos leva às considerações de SEIXAS, que a memória, e o ato de lembrar esta no presente, e é este que vai determinar e recriar o passado, em um processo de reavaliação.

Nesse processo de reavaliação, a percepção de tempo se constrói a partir do presente ao passado com perspectivas para o futuro, em uma relação presente/passado/ futuro e não passado/presente. Tornando peculiar na discussão o processo elaborado nas entrevistas destes ex-militantes. Quando são entrevistados, estão diante de um processo econômico, político, cultural e social diferenciado, no entanto que remete a um passado vivido, construindo assim uma relação presente de rememoração e passado vivido, estando a história

⁸ PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente”. In: Proj. História, 1997, p. 27.

do futuro em uma perspectiva de possibilidades, gerando pelo que esta sendo observado e o que foi realizado.

Estando a auto-imagem em um processo de disputa de representações, diante de uma sociedade que conhece o presente, e que possuem na figura destes indivíduos um referencial. Os atos do presente são cobrados mediante o passado, e este vivido é que estimula e cria condições da elaboração do discurso, pois não são meros espectadores, mas vivenciaram um processo, um contexto histórico e tornaram-se mediadores na década de 1990. O que pretende-se realizar neste presente, faz parte de uma processo histórico iniciado na década de 1960, com os indivíduos que estavam atuando, e no discurso continuam numa perspectiva política de transformação da realidade.

Desta forma cada entrevistado interpreta as suas vivências, ou como propõe BRESCIANI⁹ o “fundo comum”, de forma individual, com perspectivas de pertencimento e igualdade, proporcionada pela localização no aspecto social. Os ex-militantes na década de 1960 participaram da esfera política e social do país, em 1990 são menos espectadores, excluídos do contexto político atuante. Carregando desta forma, uma memória reelaborada para se manter como referencial, para não serem esquecidas, diante da busca do “direito de memória”. Um passado que se constitui no presente, e que determina e gera proporções para atuações, alguns indivíduos estão atuando na política estadual, de forma direta ou não, mas antes desta atuação no presente são reconhecidos, ou buscam serem reconhecidos pela militância no passado, em um constante processo de reelaboração e disputa dessas memórias.

Ocorrendo desta forma, a resignificação deste passado pelo presente, diante de um espaço simbólico e de um espaço físico, mediado pela auto-imagem, a memória individual. O espaço físico transcende o tempo, o fundo comum constitui o local, a referência e mesmo grupo, no entanto, o simbólico pode ser entendido como as lutas, a resistência e a revolução,

⁹ Segundo BRESCIANI (2001), em seu texto *Identidades inoclusas no Brasil do século XX – Fundamentos de um lugar – comum*, o termo fundo-comum seria “...o material com o qual é elaborada e cuja genealogia necessita ser interrogada...”(p 407) Aqui ganha proporções de contexto e de espaço de vivências.

simbologias criadas pelo espaço físico, o contexto histórico e a condição política, percebidas pelos períodos já citados.

Construindo assim a figura de “ser estudante”, de ser atuante, representante de uma sociedade, que possui um significado dual, isto é, em alguns momentos são os estudantes que buscam através das lutas defender a sociedade Brasileira, mas que estão em constante condição de oprimido pelo Aspecto econômico e social, que cria a representação negativa frente ao movimento estudantil, criando a condição de defensores e oprimidos, bandidos e mocinhos. A luta do aspecto físico contra o simbólico, caracterizado pela perspectiva criado em torno do “estudante”.

É essa condição de ser estudante e participante do Movimento Estudantil que gera a experiência compartilhada, em um processo construído do presente para o passado, possibilitando “...*inverter os sinais, reverter as convenções correntes sobre o significado e o alcance de tal fato...*”¹⁰. Pois a “...*memória é desencadeada de um lugar, e este situa-se no presente...*”¹¹, sendo o passado vivido um referencial na seleção dessas memórias pois

Toda memória, por mais remota que seja, é atual,
ou seja, tem a função de partindo do presente
reapropriar-se do passado reatualizando.¹²

Reatualização gerada pela perspectiva de projeção no presente e mesmo no futuro, positivada pelo interesse político e social, atuante no discurso dos entrevistados. Uma construção atualizada, experimentada e transformada no presente de rememoração, voltada à perspectiva de se manter ou perpetuar frente ao discurso da atualidade. Ocorrendo a seleção

¹⁰ CHESNEAUX, Jean. Devemos Fazer Tábula ras do Passado?. 1995, p.64

¹¹ SEIXAS, Jacy Alves de. “Os espaços (in) elásticos da memória – memória voluntária e memória involuntária”. In: Razão e Paixão, sua política. Brasília – DF: Editora da Universidade de Brasília, 2001, p.15.

¹² SEIXAS, Jacy Alves de. “Os espaços (in) elásticos da memória – memória voluntária e memória involuntária”. In: Razão e Paixão, sua política. Brasília – DF: Editora da Universidade de Brasília, 2001. (no prelo)

dessas memórias, diante do interesse presente, a construção da auto-imagem, transformada em imagem que se pretende positivar, no presente em um processo de “...*prolongar o passado no presente (...), é projetiva, lançando-se em direção ao futuro*”.¹³ .

Neste aspecto de seleção e projeção que “...*toda lembrança se transforma a medida em que se atualiza e, ao fazê-lo, enriquece e desenvolve a percepção atual que, por sua vez trás um numero crescente de lembrança complementares...*”¹⁴ “Lembranças complementares” proporcionadas pelo contexto presente, e pela perspectiva gerada em torno dos fatos na relação presente/passado. Pois é neste presente que o passado é revisado, enfatizando pontos necessários de condição de militância, o ser político, é estar integrado no aspecto político.

Pois é através do aspecto político que “... *se articulam o social e sua representação, a matriz simbólica na qual a experiência coletiva se enraíza e se reflete ao mesmo tempo....*”¹⁵. Conduzindo as disputas ou lutas de representação do individual frente ao coletivo, isto pois “...*procura-se sempre reconstruir o passado em função de tendências políticas do momento...*”¹⁶ .

É esse aspecto de lutas de representação, dever e disputas de memórias, frente ao aspecto político e social que constitui a presente pesquisa, como esses indivíduos reconstróem essas memórias diante de um aspecto do presente. Direcionando as disputas fundadas em uma relação presente/passado e futuro, visando a reconstrução e mesmo reelaboração de vivências e atuação, condicionados pelo aspecto políticos da década de 1960, que desencadeiam proporções reivindicatórias o que tange a economia, sociedade e cultura.

¹³ SEIXAS, Jacy Alves de. “Memória e História: des-encontros e atualidade historiográfica”. In: VI Semana de História. Catalão : CAC/UFG, 1999, p.04.

¹⁴ idem, p.04

¹⁵ ROSANVALLON, Pierre. Por uma História conceitual do político. In: Revista Brasileira de História. ANPUH, Ed. Contexto n.º 30, 1995, p.30.

¹⁶ BORGES, Vavy P. História e Política: laços permanentes. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: Marco Zero, 23/23, 1992., p.11)

Ocorrendo assim, a redefinição de ser estudante, através de busca de identidade individuais e coletivas, isto é, o militante enquanto indivíduo em um aspecto condicionante, integrado em um grupo de proporções que aproximaram o terreno comum, a experiência compartilhada que leva ao movimento estudantil, e que distingue ou se evidencia pelo aspecto político diferenciado da década de 1960, de acordo com o período da militância.